



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Ata do Copom deve trazer mais detalhes sobre decisão dividida. Semana ainda traz dados de atividade de fechamento do 1T24 no Brasil e inflação nos EUA

Após o Copom adotar um tom duro no comunicado e reduzir o ritmo de corte da taxa Selic para 0,25 pp, as atenções do mercado se voltam para a Ata da reunião, que será divulgada pelo Banco Central nesta terça (14). O documento deve trazer mais detalhes sobre a divergência dos votos dos diretores quanto à decisão. Isso porque, apesar de ter havido unanimidade no Comitê sobre a avaliação de que o cenário demanda mais cautela na condução da política monetária (o que justificou a redução do ritmo de corte pela maioria), o comunicado não trouxe nenhum argumento dos dissidentes (que votaram por corte de 0,50 pp), o que deve ser explorado na Ata. Os agentes também estarão de olho se o documento traz alguma sinalização sobre os próximos passos do Colegiado, dado que a prescrição futura (*forward guidance*) foi retirada do comunicado.

O mercado também acompanha os números de fechamento do 1º trimestre de importantes indicadores de atividade, como do setor de serviços e das *proxies* mensais do PIB. O resultado do setor de serviços será divulgado pelo IBGE na terça (14) e deve mostrar ligeira alta de 0,2% em março. Com isso, o setor deve mostrar modesta expansão, de 0,5% no trimestre. Quanto às *proxies* mensais do PIB, o Banco Central divulga o índice IBC-Br de atividade na quarta (15), com expectativa de ligeira queda (-0,3%) no mês, refletindo a queda do varejo. Ainda assim, o resultado positivo nos dois primeiros meses do ano deve garantir uma expansão de 1,2% do indicador no 1º trimestre, reforçando a expectativa de um bom crescimento do PIB no período. Já o Monitor do PIB, calculado pela FGV, será divulgado na quinta (16).

No âmbito inflacionário, a FGV divulga o IGP-10 de maio na quinta (16), que deve voltar ao campo positivo após 3 meses de queda. O indicador deve mostrar alta de 0,90% no mês, pressionado pelos maiores preços no atacado, diante da aceleração dos preços agropecuários, especialmente da soja e do café, e da reversão dos preços industriais para o campo positivo, em função da alta do minério de ferro. Em 12 meses, o índice deve seguir no campo negativo, de -1,40% (ante -3,81%). Vale notar que o período de coleta do indicador se encerrou no último dia 10, e pode trazer os primeiros efeitos negativos sobre os preços no atacado decorrente da tragédia climática ocorrida no Rio Grande do Sul.

Na agenda corporativa, a semana praticamente encerra a rodada de divulgação dos resultados das instituições financeiras de capital aberto no país referentes ao 1T24. Hoje (13) cedo, o BTG divulgou seu resultado, mostrando lucro líquido ajustado de R\$ 2,9 bi no período, alta de 1,5% ante o tri anterior e de 27,7% na comparação anual. Banrisul (14), Nubank (14) e BMG (15) também divulgam seus resultados essa semana, enquanto a XP encerra a rodada de divulgações na próxima semana, dia 21.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 1T24

| Banco | Data | Estimativa de Lucro Líquido no 1T24 Em R\$ mi | Var. % Trimestral | Var. % Anual |
|-------------|--------|---|-------------------|--------------|
| BTG Pactual | 13/mai | 2.876,1 | 5,4% | 34,8% |
| Banrisul | 14/mai | 225,6 | -25,8% | 5,9% |
| Nubank | 14/mai | - | - | - |
| BMG | 15/mai | 92,0 | -25,8% | 300,0% |
| XP | 21/mai | 1.108,1 | 6,5% | 39,2% |

Fonte: RI dos bancos. Projeção: Bloomberg.



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

No cenário internacional, destaque para o resultado da inflação ao consumidor (CPI) dos EUA, que será divulgado na quarta (15) e deve dar novos sinais de estagnação do processo de desinflação. O consenso projeta alta de 0,4% em abril, levando a uma ligeira desaceleração do indicador no acumulado em 12 meses, de 3,5% para 3,4%. Já o núcleo do indicador, que exclui itens voláteis como alimentos e energia, também deve mostrar resiliência, apontando alta em 12 meses de 3,6% (ante +3,8%). Na terça (14), serão conhecidos os preços ao produtor (PPI).

Ainda nos EUA, também serão conhecidos os dados de atividade referentes ao mês de abril, que devem seguir mostrando alguma força. O resultado do varejo sai na quarta (15), com expectativa de alta de 0,4% no mês, enquanto a produção industrial, cujo resultado será conhecido na quinta (16), deve apontar um avanço mais modesto, de 0,1%. Ao longo da semana também serão divulgados dados do setor imobiliário para o mês de abril, que também devem vir em alta.

Na China serão conhecidos os principais indicadores de atividade do mês de abril, com expectativa de algum ganho de tração da economia no período. O consenso de mercado projeta alta anual de 5,5% para a indústria e de 3,7% para o varejo, ambos acelerando o ritmo de crescimento após altas de 4,5% e 3,1% em março, respectivamente. Os números serão divulgados na quinta (16), à noite.

Na Zona do Euro, será divulgada a leitura final do CPI de abril, que deve confirmar a prévia e permanecer estável em 2,4% nos últimos 12 meses. O índice de preços será conhecido na sexta (17) e deve apontar que a inflação da região está se aproximando da meta (2%), o que deve permitir ao BCE iniciar o ciclo de cortes dos juros em breve. Ainda no bloco, será conhecida a 2ª leitura do PIB do 1T24 e a produção industrial de março.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

| Data | Indicadores Nacionais | Período de Referência | Consenso de Mercado | Anterior |
|--------|---|-----------------------|-------------------------|--------------------------|
| 14/mai | BCB: Ata do Copom | - | - | - |
| 14/mai | IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) | Mar/24 | 0,2% m/m -2,8% a/a | -0,9% m/m 2,5% a/a |
| 15/mai | BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br) | Mar/24 | -0,3% m/m -1,9% a/a | 0,4% m/m 2,6% a/a |
| 16/mai | FGV: Monitor do PIB | Mar/24 | - | 0,8% m/m 3,5% a/a |
| 16/mai | FGV: IGP-10 | Mai/24 | 0,94% m/m -1,40% a/a | -0,33% m/m -3,81% a/a |

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

| Data | País ou Região | Indicadores Internacionais | Período de Referência | Consenso de Mercado | Anterior |
|--------|----------------|---|------------------------|----------------------|----------------------|
| 14/mai | EUA | Inflação ao Produtor (PPI) | Abr/24 | 0,3% m/m 2,2% a/a | 0,2% m/m 2,1% a/a |
| 14/mai | China | Taxa de Empréstimo de Médio Prazo (1 ano) | - | 2,50% aa | 2,50% aa |
| 15/mai | Zona do Euro | PIB | 1º tri/24 – 2ª leitura | 0,3% m/m | -0,1% m/m |
| 15/mai | Zona do Euro | Produção Industrial | Mar/24 | 0,4% m/m | 0,8% m/m |
| 15/mai | EUA | Inflação ao Consumidor (CPI) | Abr/24 | 0,4% m/m 3,4% a/a | 0,4% m/m 3,5% a/a |
| 15/mai | EUA | Vendas no varejo | Abr/24 | 0,4% m/m | 0,7% m/m |
| 16/mai | EUA | Produção Industrial | Abr/24 | 0,1% m/m | 0,4% m/m |
| 16/mai | EUA | Construção de casas novas | Abr/24 | 7,5% m/m | -14,7% m/m |
| 16/mai | EUA | Alvarás para novas construções | Abr/24 | 0,9% m/m | -3,7% m/m |
| 16/mai | China | Produção Industrial | Abr/24 | 5,5% a/a | 4,5% a/a |
| 16/mai | China | Vendas no varejo | Abr/24 | 3,7% a/a | 3,1% a/a |
| 17/mai | Zona do Euro | Inflação ao Consumidor (CPI) | Abr/24 – final | 2,4% a/a | 2,4% a/a |

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Em decisão dividida, Copom reduz ritmo de corte e leva Selic para 10,50% aa

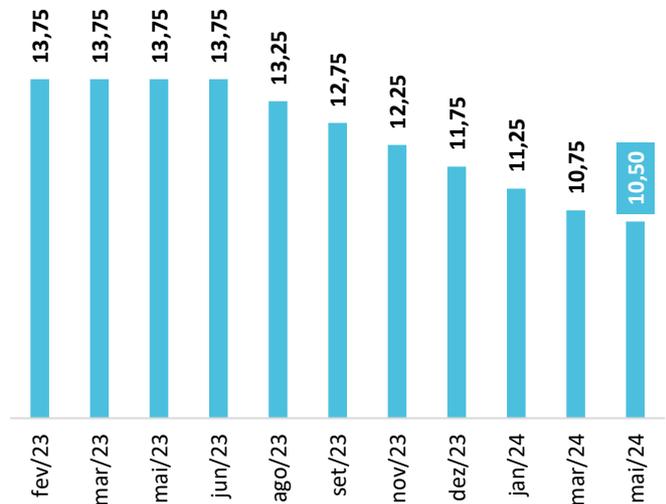
O Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) reduziu o ritmo de corte da Selic para 0,25 pp, levando a taxa básica de juros para 10,50% aa. Esse movimento já era esperado pela maior parte do mercado, mas chamou atenção a decisão dividida entre os dirigentes, com o placar apertado de 5x4, em que os dissidentes votaram pela manutenção do ritmo de corte em 0,50 pp.

Na avaliação do cenário, o comunicado trouxe importantes alterações, todas elas sinalizando uma “piora”, no sentido de exigir mais cautela na condução da política monetária. O Comitê avaliou que o ambiente externo mostra-se mais adverso, referindo-se às incertezas quanto ao início do ciclo de corte de juros nos EUA. No cenário doméstico, deixou de avaliar que a desaceleração da atividade está em linha com o antecipado e destacou que a atividade e o mercado de trabalho tem mostrado dinamismo acima do esperado. Adicionalmente, adotou um tom mais preocupado quanto à dinâmica fiscal, reforçando a necessidade de uma política fiscal crível para contribuir na ancoragem das expectativas de inflação. Neste ponto, por sinal, o Comitê passou a descrever as expectativas de inflação como desancoradas, e não mais como parcialmente ancoradas. As projeções de inflação para 2024 e 2025 no cenário de referência também pioraram, passando de 3,5% para 3,8% e de 3,2% para 3,3%, respectivamente, ambas acima da meta (3,0%).

Além da piora da avaliação do cenário, o Copom também retirou sua prescrição futura, ou seja, não deu nenhuma indicação para as próximas reuniões, e adotou uma frase de bastante cautela: “O Comitê também reforça, com especial ênfase, que a extensão e a adequação de ajustes futuros na taxa de juros serão ditadas pelo firme compromisso de convergência da inflação à meta”.

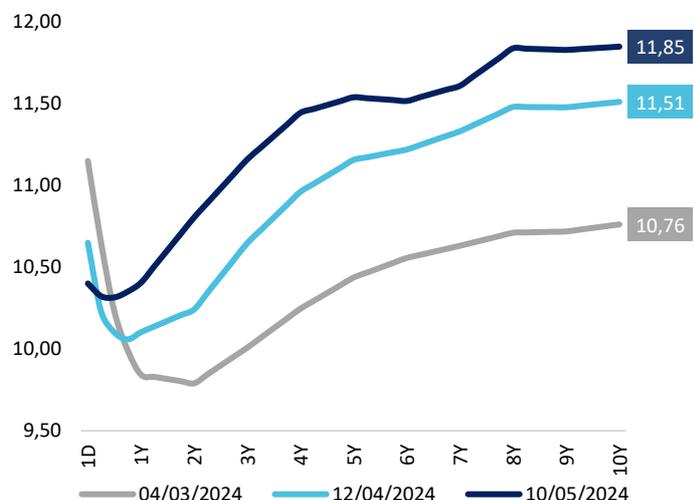
Portanto, embora esperada pela maioria do mercado, a decisão trouxe uma mensagem dura (“hawk”), indicando que o espaço para novas quedas de juros é limitado. Assim, a projeção para a taxa Selic para o fim do ano deve seguir com viés de alta no boletim Focus, e pode migrar para um cenário de dois dígitos (10,0% aa ou mais). Ainda, importante analisar a ata da reunião que será divulgada nesta terça, onde se espera que seja detalhado de forma técnica o posicionamento da ala divergente, composta pelos diretores indicados pelo governo Lula, fato que trouxe uma preocupação extra para os analistas em relação às decisões futuras do Colegiado.

Quadro 1: Taxa Selic - % aa



Fonte: BCB

Quadro 2: Curva de Juros Futuros - % aa



Fonte: Bloomberg

No cenário inflacionário, o IPCA subiu 0,38% em abril, um pouco acima do esperado e acelerando ante o mês anterior (+0,16%). No entanto, o índice mostrou uma composição positiva do ponto de vista qualitativo, além de seguir desacelerando em 12 meses, de 3,93% para 3,69%, movimento que foi acompanhado pelos núcleos.

No mês, o índice foi novamente pressionado pelos alimentos e pelos itens administrados (medicamentos e combustíveis), explicando a aceleração ante março. Os preços dos alimentos consumidos no domicílio subiram 0,81% (ante 0,59% em março), ainda pressionados pelos itens *in natura*, que sofrem com as adversidades climáticas. Vale destacar que o resultado ainda não contempla os impactos das enchentes no RS, que devem pressionar especialmente o preço do arroz (e da soja no atacado) a partir do mês de maio. Os produtos farmacêuticos, por sua vez, avançaram 2,84%, refletindo o reajuste de até 4,5% dos medicamentos neste ano, enquanto os combustíveis subiram 1,74%, puxados pela gasolina (+1,50%) e etanol (+4,56%). Somados, os 3 grupos responderam por 86% da inflação no mês.

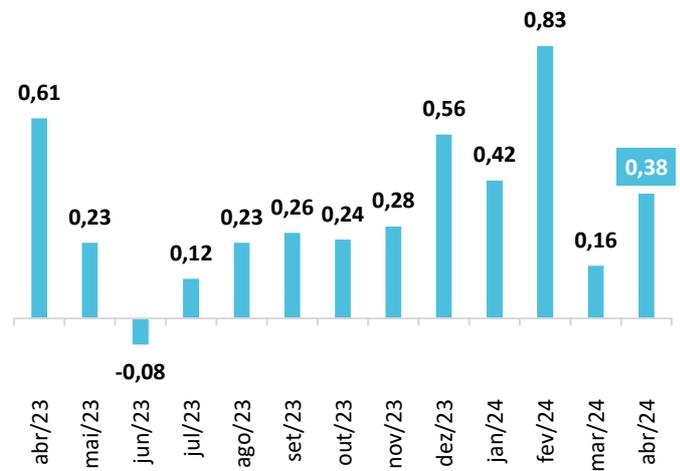
Na contramão, destaque para mais uma queda das passagens aéreas (-12,09%), a quarta seguida; e para o recuo das tarifas de energia elétrica (-0,46%), reflexo dos reajustes baixistas em algumas capitais.

No geral, a aceleração na margem foi explicada pela pressão de itens mais voláteis, e, a princípio, não sinalizam uma piora qualitativa da inflação. Pelo contrário, a leitura de abril mostrou uma composição benigna, com o coeficiente de difusão (% dos itens em alta) se mantendo em um patamar contido (57,0%) e com nova desaceleração das medidas de núcleo. No caso, a média dos núcleos recuou de 3,79% para 3,53% em 12 meses, enquanto os preços dos serviços subjacentes, métrica que tem preocupado o BC e que havia acelerado no mês anterior, recuou de 4,99% para 4,75%.

Em conjunto, o resultado foi mais positivo do ponto de vista qualitativo, especialmente na métrica de serviços subjacentes, e pode abrir espaço para alguma queda adicional da taxa Selic, mas nada substancial que altere o plano de voo atual do Copom.

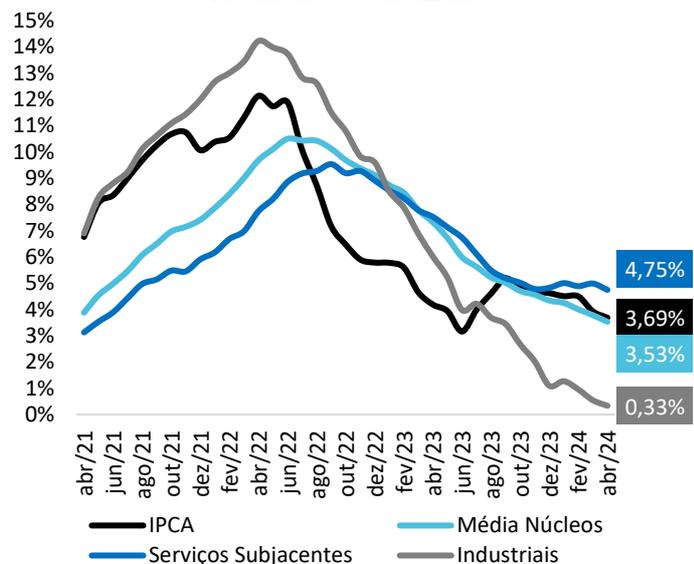
No âmbito da atividade, as vendas no varejo (ampliado) recuaram 0,3% em março, surpreendendo negativamente o mercado, que esperava alta de 0,7%. Parte da queda, no entanto, decorre da elevada base de comparação, após alta acumulada de 3,3% do setor no 1º bimestre. Por sinal, os bons resultados nos dois primeiros meses do ano garantiram uma expansão de 2,5% do varejo no 1º trimestre, o melhor desempenho desde o 2T21 (+3,1%).

Quadro 3: IPCA – Var. % mensal



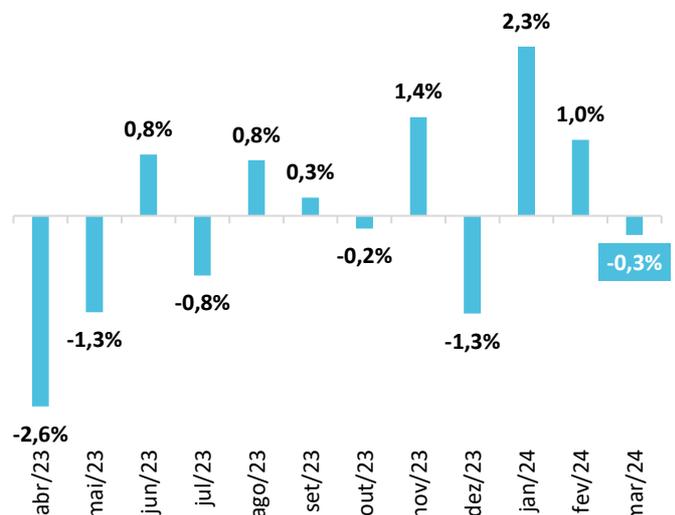
Fonte: IBGE

Quadro 4: IPCA e Aberturas – Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE

Quadro 5: Varejo Ampliado – Var. % mensal



Fonte: IBGE

No mês, tanto o varejo mais associado à renda quanto ao crédito tiveram fraco desempenho, com recuo em 9 das 10 atividades analisadas na pesquisa. As maiores quedas ocorreram nas vendas de materiais de escritório (-8,7%), móveis e eletrodomésticos (-2,4%) e veículos (-1,4%). As vendas nos supermercados, de importante peso no setor, registraram queda mais contida (-0,3%). As vendas de artigos farmacêuticos foram as únicas que avançaram no mês (+1,4%), inclusive em cima de uma alta expressiva em fevereiro (+9,7%).

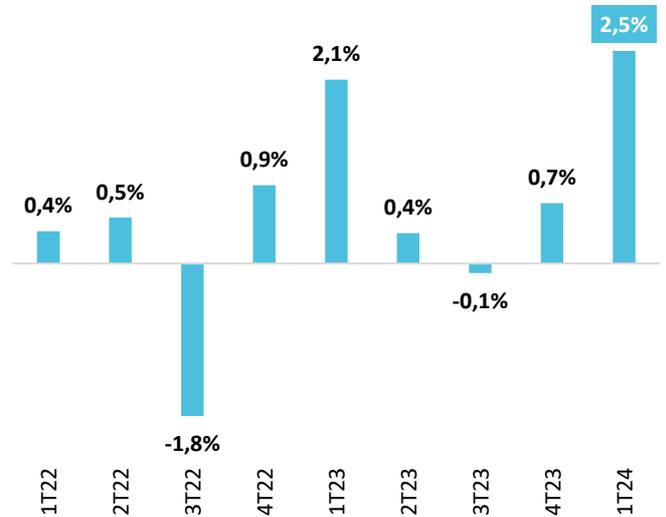
A despeito do recuo no mês, a leitura confirmou um forte crescimento do varejo no 1T24 (+2,5%), com alta em 7 das 10 atividades analisadas, com taxas de crescimento expressivas em vários segmentos: outros artigos de uso pessoal (+6,8%), artigos farmacêuticos (+5,6%), veículos (+4,3%) e vestuário (+4,2%). Assim, o desempenho do setor no trimestre reforça a percepção de um crescimento robusto do consumo das famílias no período, beneficiado, dentre outros, pelo mercado de trabalho aquecido e pela melhora das condições de acesso ao crédito. Por sinal, o bom desempenho do consumo deve contribuir para uma boa expansão do PIB no trimestre. De toda forma, a tendência é de alguma acomodação de tal processo ao longo do ano.

Quanto ao setor externo, a balança comercial registrou superávit de R\$ 9,0 bi em abril, acima do registrado no mesmo período do ano passado (US\$ 8,0 bi). Dentre os meses de abril, este foi o 2º melhor resultado da história, atrás apenas de 2021 (US\$ 10,0 bi).

As exportações cresceram 14,1% ante o mesmo período de 2023, lideradas pelo forte crescimento do volume das vendas (+22,5%), especialmente da indústria extrativa (+62,3%) - neste caso, principalmente de petróleo (+92,4%), que mais do que compensou a queda nos preços (-6,8%) dos produtos exportados. As importações também mostraram bom crescimento (+14,3%), refletindo a demanda interna aquecida, especialmente por bens de consumo (+31,6%) e de capital (+28,7%).

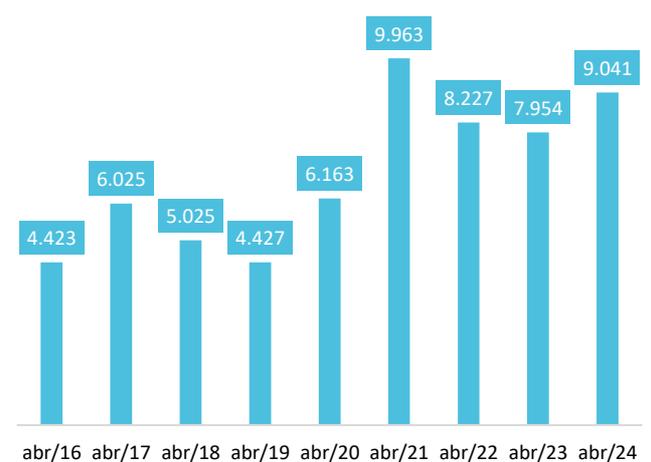
No acumulado do ano, o saldo comercial atingiu US\$ 27,7 bi, valor 17,7% superior ao registrado no mesmo período do ano anterior (US\$ 23,6 bi). A alta vem sendo puxada ainda pelo maior dinamismo das exportações (+5,7%) do que das importações (+2,2%). Contudo, a tendência é que as importações ganhem força ao longo do ano, enquanto as exportações percam um pouco de tração, diante da menor safra agrícola. Com isso, o saldo comercial deve ficar abaixo do observado em 2023 (US\$ 98,9 bi), mas ainda em nível elevado.

Quadro 6: Varejo Ampliado – Var. % trimestral (T/T-1)



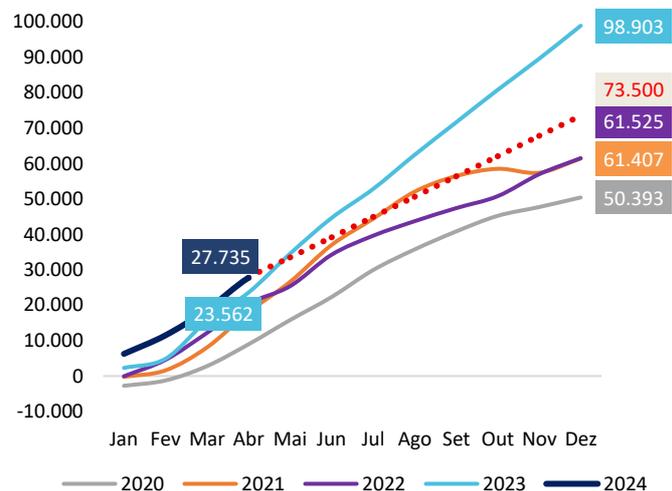
Fonte: IBGE

Quadro 7: Saldo Comercial - Meses de Abril Em US\$ mi



Fonte: Secex

Quadro 8: Trajetória do Saldo Comercial acumulado no ano (Em US\$ mi)



Fonte: Secex Projeção Secex

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Mercados seguem em recuperação, mas inflação preocupa o consumidor nos EUA

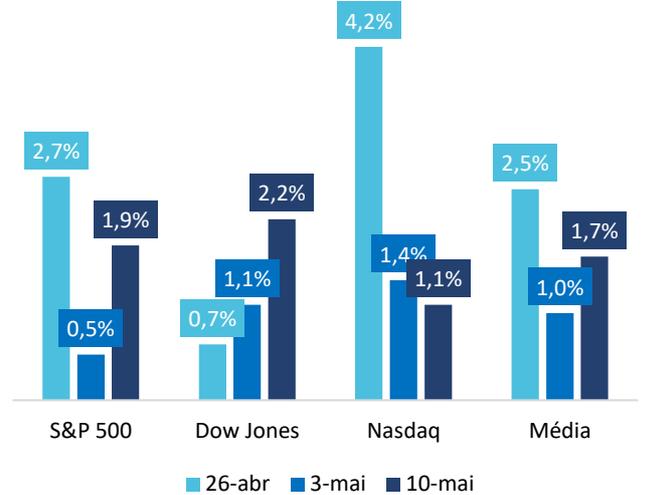
Pela 3ª semana seguida, o cenário internacional foi marcado por uma recuperação do apetite ao risco nos mercados internacionais, com as principais bolsas e índices acionários dos EUA registrando alta, próximos de renovar a máxima histórica atingida em março. Com isso, os principais índices acionários globais vão se recuperando após um mês de abril bastante marcado pelo aumento acentuado do risco. Na semana, a leitura pior do que o esperado dos pedidos de seguro desemprego (231 mil contra expectativa de 212 mil), contribuiu com esse movimento de *risk-on*, dada a percepção que a política monetária pode começar a ser afrouxada ainda este ano.

Contudo, o cenário ainda é incerto, como mostrou a pesquisa da Universidade de Michigan, que registrou uma queda dos níveis de confiança dos consumidores na prévia de maio. O indicador atingiu 67,4 pts (ante 77,2 pts), menor nível desde nov/23. Boa parte da queda pode ser explicada pela piora da expectativa de inflação por parte dos consumidores, que voltou a subir e agora aguarda uma alta dos preços de 3,5% nos próximos 12 meses e 3,1% entre 5 e 10 anos. O dado indica que o consumo das famílias, principal motor da atividade até o momento, pode enfim sofrer com tais desconfianças.

Na China, destaque para os números de abril do setor externo do país. As exportações cresceram 1,5% (ante abr/23), sem surpresas com relação ao consenso de mercado, mas ao menos confirmando a ligeira recuperação após a queda (-7,5%) no mês anterior. O dado reflete alguma recuperação da demanda global, mas ainda segue indicando que o cenário é de atividade fraca, em meio aos principais países do mundo enfrentando um ambiente de juros mais altos. Já as importações subiram 8,4%, bem acima do esperado (+4,5%), devolvendo parte das últimas duas quedas consecutivas (-8,1% e -1,9%). Apesar da recuperação, a demanda interna na China segue sem grande ímpeto. Os dados de inflação confirmam tal cenário. Os preços ao consumidor (CPI) registraram alta de apenas 0,3% nos últimos 12 meses, enquanto ao produtor (PPI) seguem em deflação (-2,5%) no mesmo comparativo.

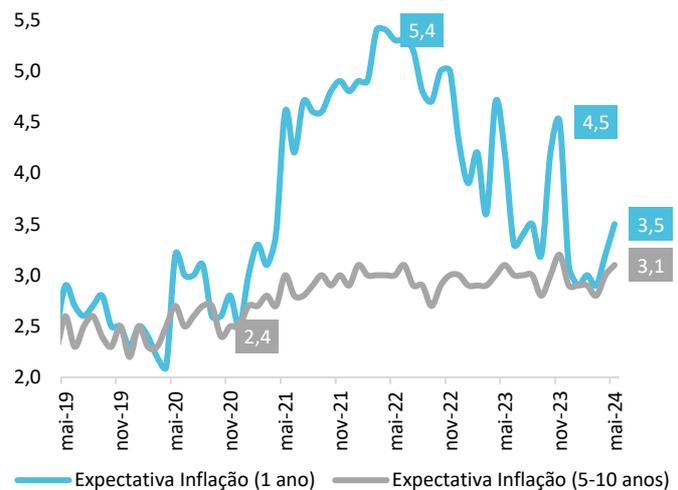
Por fim, na Zona do Euro, o PMI de serviços de abril subiu para 53,3 pts (ante 51,5 pts em mar/24), atingindo o maior patamar em quase um ano. Já as vendas no varejo, se recuperaram em março subindo 0,8% no mês, o melhor resultado do ano, sugerindo alguma retomada da atividade na região.

Quadro 9: EUA – Índices Acionários e Bolsas
Var. % semanal



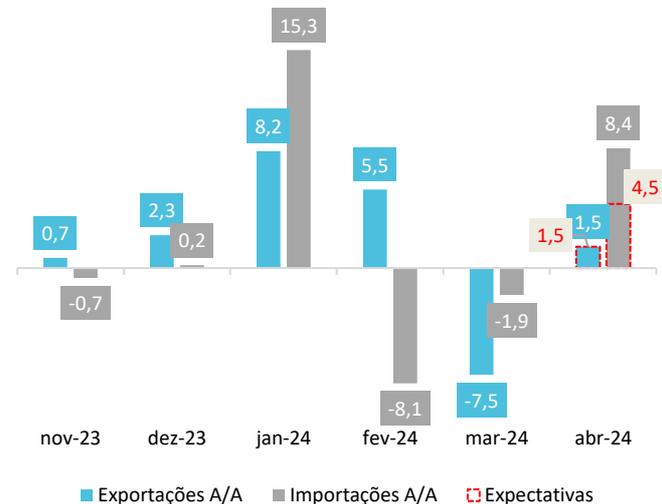
Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: EUA – Expectativa de Inflação (Univ. Michigan) – Em % aa



Fonte: Bloomberg.

Quadro 11: China – Exportações e Importações
Var. % ante o mesmo mês do ano anterior



Fonte: Bloomberg.

Resultado Corporativo 1º Tri/24 Itaú Unibanco

CRÉDITO / BANCOS

O Itaú Unibanco registrou lucro líquido gerencial de R\$ 9,8 bilhões no 1º tri de 2024, equivalente a uma alta de 3,9% no trimestre e de 15,8% na comparação com o 1T23, e um pouco acima do esperado (R\$ 9,7 bi). Com isso, a rentabilidade patrimonial (ROE) do banco atingiu 21,9%, superior em 0,7 pp e 1,2 pp ante o 4T23 e 1T23, nesta ordem; e, é o maior desde 2019 (23,7% no 4T19).

No trimestre, a alta do lucro líquido foi puxada pela queda de 3,9% do custo do crédito, em função dos menores gastos (-1,8%) com PDD, refletindo a readequação dos riscos pela IF, com maior qualidade nas novas safras de empréstimos. O custo do crédito também foi beneficiado pela redução do *impairment* de títulos no Atacado (-64,5%) e menores descontos concedidos (-14,4%).

Já a margem financeira recuou 0,9% ante o 4T23, dada a queda de 1,8% da margem com clientes, que contou com menor número de dias úteis e menor resultado das operações estruturadas no Atacado. Contudo, na comparação anual, a margem financeira (+8,9%) e com clientes (+7,9%) registraram crescimento. As receitas de serviços (-3,1%) também caíram no trimestre, afetadas pela sazonalidade negativa, especialmente, pelos menores ganhos com cartão (-9,1%). Mas, da mesma forma que a margem financeira, também mostrou crescimento na comparação anual, com alta de 4,9%.

As despesas operacionais, por sua vez, recuaram 6,2% no trimestre, com destaque para a redução das despesas administrativas (-8,0%). Com isso, o índice de eficiência (quanto menor, melhor) voltou a cair e atingiu 38,3%, renovando a melhor marca da série histórica (desde 2015).

A carteira de crédito ampliada do Itaú cresceu 0,7% no trimestre e 2,8% em 12 meses, puxada (na comparação anual) pelas títulos privados e garantias financeiras (+17,8%). A expansão total está abaixo do *guidance* estabelecido pelo banco para a expansão da carteira para 2024, que é de uma alta entre 6,5% e 9,5%. Segundo o banco, isso reflete a redução do risco na carteira PF, com a saída de clientes mais arriscados e que traziam pouco valor ao longo do tempo, cujo processo deve se completar até o 3T24. Assim, em 12 meses, a carteira PF subiu apenas 2,6%, liderada pelo crédito pessoal (+11,1%), veículos (+5,4%) e imobiliário (+3,1%). Já a carteira PJ subiu 2,7%, puxada pela alta no segmento de MPMEs (+5,7%), compensando a queda da carteira de grandes empresas (-0,6%).

Já a inadimplência (acima de 90 dias) atingiu 2,7% da carteira total, com queda de 0,1 pp ante o tri anterior e de 0,2 pp em um ano, com destaque para a redução na carteira PF no trimestre (-0,2 pp, para 4,2%). A inadimplência da carteira de MPMEs e grandes empresas ficou estável em 2,6% e 0,1%, respectivamente. O índice de atrasos (entre 15 e 90 dias) subiu 0,1 pp na margem, para 2,4%, com alta disseminada entre os segmentos, explicado, em boa parte, pela sazonalidade desfavorável do período (contas de início de ano).

Por fim, o Itaú reforçou o seu *guidance* para 2024, declarando que haverá normalização do crescimento da carteira de crédito ao longo do ano, levando o banco a atingir a meta de expansão anual (entre 6,5% e 9,5%).

Quadro 12: Resultado 1T24 – Itaú Unibanco

| Itaú Unibanco - R\$ Mi | 1T23 | 4T23 | 1T24 | Var. % | |
|--|-----------|-----------|------------------|---------|---------|
| | | | | Tri | Anual |
| ITENS PATRIMONIAIS | | | | | |
| Ativo Total | 2.547.033 | 2.696.522 | 2.788.916 | 3,4% | 9,5% |
| TVM | 862.643 | 984.279 | 1.025.450 | 4,2% | 18,9% |
| Depósitos | 914.834 | 951.352 | 965.331 | 1,5% | 5,5% |
| Patrimônio Líquido | 174.073 | 188.935 | 183.441 | -2,9% | 5,4% |
| DRE | | | | | |
| Margem Financeira Gerencial | 24.692 | 27.134 | 26.880 | -0,9% | 8,9% |
| Margem com Clientes | 24.048 | 26.293 | 25.821 | -1,8% | 7,4% |
| Margem com o Mercado | 645 | 840 | 1.059 | 26,1% | 64,3% |
| Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa | -9.009 | -9.295 | -9.131 | -1,8% | 1,4% |
| Receitas de prestação de serviços | 10.347 | 11.197 | 10.852 | -3,1% | 4,9% |
| Operações com Seg., Prev. e Cap. | 2.021 | 2.281 | 2.230 | -2,3% | 10,3% |
| Despesas não Decorrentes de Juros | -13.789 | -15.344 | -14.386 | -6,2% | 4,3% |
| IR/CSLL | -3.169 | -3.952 | -4.327 | 9,5% | 36,5% |
| Lucro/Prejuízo do período ¹ | 8.435 | 9.401 | 9.771 | 3,9% | 15,8% |
| RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE² | | | | | |
| ROAE | 20,7% | 21,2% | 21,9% | 0,7 pp | 1,2 pp |
| ROAA | 1,3% | 1,4% | 1,4% | 0,0 pp | 0,1 pp |
| Índice de eficiência | 39,8% | 40,3% | 38,3% | -2,0 pp | -1,5 pp |
| CRÉDITO | | | | | |
| Carteira de crédito ampliada ³ | 1.152.970 | 1.176.453 | 1.184.791 | 0,7% | 2,8% |
| PF | 402.488 | 415.526 | 413.027 | -0,6% | 2,6% |
| PJ | 298.667 | 303.691 | 306.856 | 1,0% | 2,7% |
| Estoque de PDD p/ operações de crédito | -53.764 | -52.019 | -50.966 | -2,0% | -5,2% |
| Despesa PDD/Carteira de crédito | 0,8% | 0,8% | 0,8% | 0,0 pp | 0,0 pp |
| Saldo de PDD/Carteira de crédito | 4,7% | 4,4% | 4,3% | -0,1 pp | -0,4 pp |
| Taxa de inadimplência (> 90 dias) | 2,9% | 2,8% | 2,7% | -0,1 pp | -0,2 pp |
| Índice de Basileia | 15,0% | 17,0% | 16,4% | -0,6 pp | 1,4 pp |
| Cobertura > 90 dias | 212% | 216% | 221% | 5,5 pp | 9,2 pp |

Fonte: Itaú RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹ Lucro Líquido Ajustado Gerencial
²Anualizado ³Inclui outras operações com risco de crédito (debêntures, CRI, *commercial papers*, etc.) e unidades da América Latina.

Resultado Corporativo 1º Tri/24 Banco do Brasil

CRÉDITO / BANCOS

O Banco do Brasil (BB) registrou lucro líquido ajustado de R\$ 9,3 bilhões no 1º trimestre do ano, pouco acima do esperado (US\$ 9,1 bi). O resultado representa uma leve queda no trimestre (-1,5%), mas alta de 8,8% ante o mesmo período do ano anterior. Já o ROE do banco atingiu 21,7%, também caindo no tri (-0,9 pp) e com alta de 0,7 pp em 12 meses.

A melhora do lucro ante o 1T23 foi puxada pela expansão da margem bruta (+21,6%), que contou com maiores ganhos em operações de crédito e tesouraria (ainda beneficiado pelas operações do Banco Patagônia na Argentina). Este movimento foi parcialmente compensado pela forte alta dos gastos com PDD (+45,9%), que subiram em função do maior risco de crédito nos segmentos de empresas e do agronegócio. Tais setores tem apresentado uma combinação de aumento da inadimplência e da carteira de crédito, que naturalmente eleva os gastos com PDD; além do reconhecimento de perda (*impairment*) da dívida de uma grande empresa do Atacado.

Já no trimestre, a ligeira queda do resultado foi influenciada pela estabilidade da margem bruta (-0,1%), onde as receitas e despesas financeiras se compensaram. As receitas de serviços recuaram 4,6%, impactadas pela sazonalidade de início de ano, reduzindo a renda com cartões (-18,9%). Quanto aos custos, a PDD recuou 14,4% ante o 4T23, com redução mais significativa vinda do *impairment* (-83,9%) e em menor escala no risco de crédito (-4,0%). Já as despesas administrativas recuaram 4,0% no trimestre. Com isso, o índice de eficiência voltou a renovar seu melhor patamar da série histórica (desde 2014), atingindo 25,9%.

A carteira de crédito ampliada do BB, que também considera TVMs privados e garantias, atingiu R\$ 1,138 tri no final do 1T24, subindo 2,7% ante o 4T23 e 10,2% em 12 meses. No comparativo anual, o destaque foi a carteira agro (+15,5%). Em seguida, aparece a carteira PJ (+8,5%), puxada pelo crédito destinado aos entes públicos (+18,4%) e para as MPMEs (+12,7%). Já a carteira PF subiu 5,8%, puxada pelo crédito consignado (+10,3%) e crédito salário (+9,3%) – linha de empréstimo pessoal vinculada ao recebimento do salário na conta.

A inadimplência ficou estável em 2,9% da carteira total no trimestre, mas com alta 0,3 pp em 12 meses. A principal contribuição para a piora do indicador em um ano veio da carteira PJ (+1,1 pp, para 3,2%), seguida pela carteira do agro (+0,4 pp, para 0,6%), movimentos parcialmente compensados pela PF (-0,6 pp, para 4,8%). Quanto aos atrasos (entre 15 e 90 dias), houve alta de 0,3 pp no trimestre, movimento que merece atenção por ter sido disseminado entre os segmentos: PF (+0,5 pp), PJ (+0,3 pp) e agro (+0,2 pp).

Por fim, vale destacar que o BB manteve seu *guidance* para 2024, que prevê um crescimento da carteira de crédito (sem crédito externo e empréstimos ao governo) no intervalo entre 8,0% a 12,0%. Por ora, a expansão total está dentro do intervalo projetado, com alta de 9,5%, liderada pelo agro (+15,5%), que por sinal, está acima do intervalo projetado (de 11,0% a 15,0%); enquanto as carteiras PF (+5,8% ante 6,0% a 10%) e PJ (+6,8% ante 7,0% a 11%) estão com crescimento abaixo da meta.

Quadro 13: Resultado 1T24 – Banco do Brasil

| Banco do Brasil - R\$ Mi | 1T23 | 4T23 | 1T24 | Var. % | |
|--|-----------|-----------|------------------|---------|---------|
| | | | | Tri | Anual |
| ITENS PATRIMONIAIS¹ | | | | | |
| Ativo Total | 2.114.744 | 2.172.480 | 2.305.031 | 6,1% | 9,0% |
| TVM | 435.400 | 468.968 | 509.865 | 8,7% | 17,1% |
| Depósitos | 774.859 | 835.671 | 822.101 | -1,6% | 6,1% |
| Patrimônio Líquido | 169.533 | 173.076 | 179.021 | 3,4% | 5,6% |
| DRE | | | | | |
| Margem Financeira Bruta | 21.161 | 25.769 | 25.734 | -0,1% | 21,6% |
| Provisão p/ créditos de liquid. Duvidosa | -5.855 | -9.983 | -8.541 | -14,4% | 45,9% |
| PDD - Risco de Crédito | -4.148 | -10.413 | -10.000 | -4,0% | 141,1% |
| PDD - Recuperação de Crédito | 1.889 | 2.105 | 1.991 | -5,4% | 5,4% |
| Receitas com Prestação de Serviços e Tarifas Bancárias | 8.132 | 8.744 | 8.344 | -4,6% | 2,6% |
| Despesas Administrativas | -8.466 | -9.253 | -8.378 | -4,0% | 4,9% |
| IR/CSLL | -2.564 | -1.343 | -2.379 | 77,1% | -7,2% |
| Lucro Líquido Ajustado | 8.550 | 9.442 | 9.300 | -1,5% | 8,8% |
| RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE² | | | | | |
| ROAE | 21,0% | 22,5% | 21,7% | -0,9 pp | 0,7 pp |
| ROAA | 1,7% | 1,7% | 1,7% | 0,0 pp | 0,0 pp |
| Índice de eficiência | 28,7% | 27,1% | 25,9% | -1,2 pp | -2,9 pp |
| CRÉDITO | | | | | |
| Carteira de crédito ampliada ³ | 1.032.830 | 1.108.578 | 1.138.094 | 2,7% | 10,2% |
| Interna | 985.357 | 1.059.210 | 1.083.413 | 2,3% | 10,0% |
| PF | 300.120 | 313.119 | 317.402 | 1,4% | 5,8% |
| PJ | 362.726 | 390.786 | 393.497 | 0,7% | 8,5% |
| Agronegócios | 322.511 | 355.305 | 372.514 | 4,8% | 15,5% |
| Externa | 47.474 | 49.368 | 54.680 | 10,8% | 15,2% |
| Despesa PDD/Carteira de crédito amp. | 0,6% | 0,9% | 0,8% | -0,2 pp | 0,2 pp |
| Taxa de inadimplência (> 90 dias) | 2,6% | 2,9% | 2,9% | 0,0 pp | 0,3 pp |
| Índice de Basileia | 16,2% | 15,5% | 15,1% | -0,3 pp | -1,1 pp |
| Cobertura > 90 dias | 202,7% | 196,7% | 196,0% | -0,6 pp | -6,6 pp |

Fonte: BB RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Contábil ²Anualizado ³Inclui operações com TVM e garantias.

Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Abr/24

CRÉDITO / BANCOS

A caderneta de poupança registrou captação líquida negativa no valor de R\$ 1,1 bilhão em abril, segundo dados divulgados pelo Banco Central do Brasil (BCB). Assim, os saques voltaram a superar os depósitos na modalidade após captação líquida positiva em março (R\$ 1,3 bi). De todo modo, o resultado de abril foi melhor do que o registrado em 2022 (R\$ -10,7 bi) e 2023 (R\$ -6,5 bi).

Com isso, no acumulado do ano, a caderneta registra saída de R\$ 24,1 bi (ou 0,2% do PIB), número melhor que as saídas de recursos em 2022 (R\$ 55,4 bi; 0,6% do PIB) e 2023 (R\$ 60,6 bi; 0,6% do PIB), reforçando o movimento de desaceleração dos saques de recursos da modalidade. Já o saldo da poupança ficou praticamente estável em R\$ 979 bi (8,8% do PIB) no mês, seguindo bem abaixo do pico de dez/20 (13,6% do PIB) e do período pré-pandemia (11,2% do PIB em fev/20).

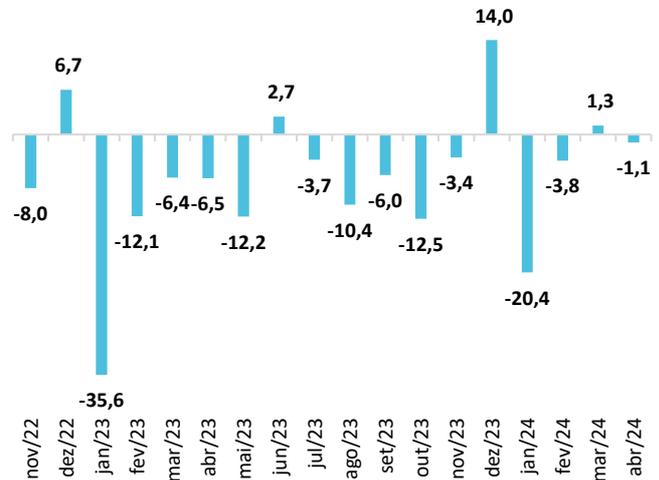
Diante dos saques que a modalidade tem sofrido e da redução do seu saldo, o BCB trouxe um estudo no Relatório de Estabilidade Financeira divulgado no último dia 30, onde através de microdados investiga a redução do saldo da poupança em 2022. A análise utilizou dados de 57 milhões de clientes, que representavam quase 90% do saldo da poupança no ano, pertencentes às cinco maiores IFs do país.

O estudo identificou que cerca de 50% dos clientes (29,5 milhões) sacaram R\$ 279 bi da poupança e aportaram R\$ 201 bi em outros ativos. O estudo também apontou que apenas 4% dos sacadores foram responsáveis por mais da metade do volume sacado (R\$ 146 bi), enquanto 16% dos sacadores foram responsáveis por 80% dos saques. Com isso, o BCB aponta que a redução do saldo da poupança deveu-se no ano de 2022, principalmente a uma pequena fração de poupadores, em geral, de maior renda, que realocou tais recursos em outros produtos, como CDBs, LCAs e LCIs.

O Quadro 16 ilustra a mudança do mix de ativos para os 16% maiores sacadores da amostra, onde se observa a queda da participação da poupança no portfólio destes indivíduos, que passou de 57% do total para apenas 28%. Por outro lado, tais pessoas aumentaram seus investimentos em fundos de investimento, CDBs e Letras de Crédito.

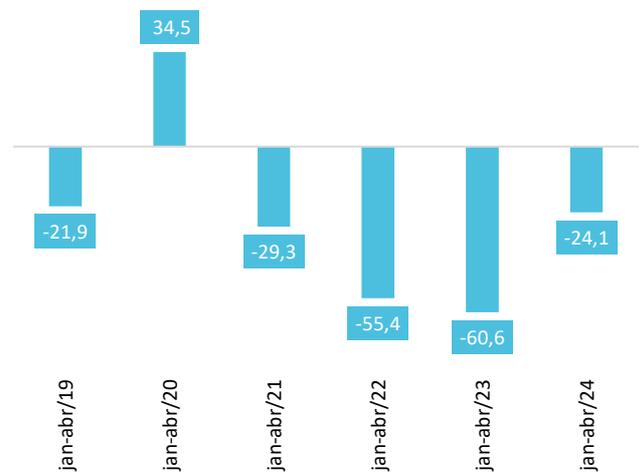
Portanto, o BCB trouxe evidências que há uma migração dos recursos da caderneta para outros ativos financeiros. Os dados recentes apontam que tal movimento tem perdido força, muito provavelmente em função da queda da taxa Selic. Contudo, dada a importância da caderneta para o crédito imobiliário, é algo que precisa continuar sendo monitorado.

Quadro 14: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Em R\$ bi (IPCA de abr/24)



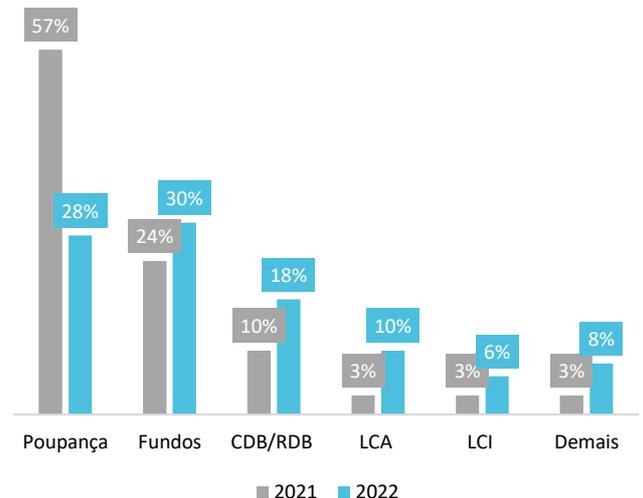
Fonte: Bacen.

Quadro 15: Captação da Caderneta de Poupança – Acum. no Ano - Em R\$ bi (IPCA de abr/24)



Fonte: Bacen.

Quadro 16: Evolução da participação da carteira de ativos financeiros dos 16% maiores sacadores



Fonte: Bacen/REF.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

| FOCUS – Indicadores Selecionados | 2024 | | | | 2025 | | | |
|--|----------|----------|----------|------|----------|----------|----------|------|
| | 10/05/24 | 03/05/24 | 12/04/24 | Viés | 10/05/24 | 03/05/24 | 12/04/24 | Viés |
| IPCA (%) | 3,76 | 3,72 | 3,71 | ▲ | 3,66 | 3,64 | 3,56 | ▲ |
| PIB (% de crescimento) | 2,09 | 2,05 | 1,95 | ▲ | 2,00 | 2,00 | 2,00 | ↔ |
| Meta Selic - fim do ano (% a.a.) | 9,75 | 9,63 | 9,13 | ▲ | 9,00 | 9,00 | 8,50 | ↔ |
| Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$) | 5,00 | 5,00 | 4,97 | ↔ | 5,05 | 5,05 | 5,00 | ↔ |

Fonte: Banco Central do Brasil.

| Indicadores do Mercado | 10/05/24 | Variação % | | | |
|--|------------|------------|--------|---------|----------|
| | | Na semana | No mês | No ano | 12 meses |
| NACIONAL | | | | | |
| Taxa de câmbio (R\$/US\$) | 5,16 | 1,69% | -0,68% | 6,19% | 4,59% |
| CDS Brasil 5 anos (em pontos) | 140,38 | 0,67% | -6,73% | 5,98% | -37,89% |
| Juros DI 30 dias (% a.a.) | 10,39 | -0,04% | -0,65% | -10,78% | -23,85% |
| Juros DI 1 ano (% a.a.) | 10,36 | 1,99% | -0,33% | 3,19% | -17,96% |
| Juros DI 5 anos (% a.a.) | 11,57 | 3,29% | -0,09% | 14,80% | -0,24% |
| Índice Ibovespa (em pontos) | 127.599,57 | -0,71% | 1,33% | -4,91% | 17,87% |
| IFNC (setor financeiro) | 12.567,60 | -2,25% | 0,42% | -8,95% | 12,86% |
| INTERNACIONAL | | | | | |
| Fed Funds (% a.a.) | 5,50 | 0,00% | 0,00% | 0,00% | 4,76% |
| T-NOTE - 2 anos (% a.a.) | 4,87 | 1,03% | -3,37% | 14,49% | 24,78% |
| T-NOTE - 10 anos (% a.a.) | 4,50 | -0,25% | -3,92% | 15,91% | 32,86% |
| Dollar Index | 105,30 | 0,26% | -0,87% | 3,92% | 3,18% |
| Índice S&P 500 (em pontos) | 5.222,68 | 1,85% | 3,71% | 9,49% | 26,44% |
| Índice de ações de bancos – EUA | 101,83 | 1,30% | 6,46% | -7,02% | 32,30% |
| Índice Euro Stoxx 50 | 5.085,08 | 3,32% | 3,33% | 12,47% | 17,99% |
| Índice de ações de bancos - Zona do Euro | 145,88 | 3,18% | 3,00% | 23,26% | 42,61% |
| Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$) | 82,79 | -0,20% | -5,77% | 7,46% | 10,42% |

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira